CULTURA E IDENTIDADE NO AMBIENTE VIRTUAL: A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

CULTURE AND IDENTITY IN THE VIRTUAL ENVIRONMENT: EDUCATION IN THE PANDEMIC

CULTURA E IDENTIDAD EN EL ENTORNO VIRTUAL: EDUCACIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Edilson Mercuri[1]

RESUMO
Este artigo reflete parte dos resultados da pesquisa em desenvolvimento na Faculdade de Artes da UNESPAR. Tem por objetivo articular a temática 'Cultura e Identidade' problematizando as transformações sociais resultantes do emprego de tecnologias inovadoras aplicadas em ambientes virtuais. Dialogando com autores de referências conceituais estruturantes para a formação da identidade humana, busca-se refletir sobre os impactos emergenciais causados pela pandemia do Covid–19. A trágica ocorrência colocou em xeque os paradigmas os holísticos pré-estabelecidos. A vida inteligente na pós-pandemia exigirá novas visões filosóficas, artísticas e científicas para reorientar os processos educacionais e as culturas contemporâneas com a implementação de tecnologias digitais.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Ciência. Educação. Pandemia.

ABSTRACT
This article reflects part of the results of a research under development at the Faculty of Arts at UNESPAR. Its objective is to articulate the theme 'Culture and Identity', questioning the social transformations resulting from the use of innovative technologies applied in virtual environments. The methodology is based on a literature review of structuring concepts for the formation of human identity, seeking to reflect on the emergency impacts caused by the Covid–19 pandemic. The tragic occurrence called into question the pre-established holistic paradigms. Post-pandemic intelligent life will require new philosophical, artistic and scientific visions to reorient educational processes and contemporary cultures with the implementation of digital technologies.

Keywords: Culture. Identity. Science. Education. Pandemic.

RESUMEN
Este artículo refleja parte de los resultados de una investigación en desarrollo en la Facultad de Artes de la UNESPAR. Su objetivo es articular el tema 'Cultura e Identidad', cuestionando las transformaciones sociales resultantes del uso de tecnologías innovadoras aplicadas en entornos virtuales. En diálogo con autores de referencias conceptuales estructurales para la formación de la identidad humana, buscamos reflexionar sobre los impactos de emergencia provocados por la pandemia Covid-19. El trágico acontecimiento puso en tela de juicio los paradigmas holísticos preestablecidos. La vida inteligente pospandémica requer nuevas visiones filosóficas, artísticas

[1] Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR – Campus Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná, desde 1986; Doutor em Antropologia - PUC-SP (2005); Mestre em Educação - Universidade Federal do Paraná – UFPR (1994); Graduado em Psicologia - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (1977); Psicanalista - Instituto de Psicanálise e Biblioteca Freudiana de Curitiba (1976-86); Graduado de Ciências Jurídicas - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba (2017). Integra o Grupo de Pesquisa Processos Criativos em Artes Cênicas UNESPAR – Campus Curitiba II - linha Psique, devir e invenção.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

y científicas para reorientar los procesos educativos y las culturas contemporáneas con la implementación de tecnologías digitales.

Palabras clave: Cultura. Identidad. Ciencias. Educación. Pandemia.

Tudo aquilo que o homem ignora não existe para ele, por isso o universo de cada um se resume ao tamanho do seu saber.
Albert Einstein

Todo conhecimento - teorias, doutrinas, ideologias - comporta erro e ilusão.
Edgar Morin

A cultura, sob todas as formas - de artes, de amor e de pensamento - , deveria capacitar o homem a ser menos escravizado.
André Malraux

Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho…
Tom Jobim

Considerações iniciais

Em março de 2020 surge no interior da China uma doença com sintomas semelhantes aos da gripe. Passados poucos meses o mal se alastra pelo mundo. Identificado o Coronavírus Covid-19, é decretada a pandemia. Foi apurado que a disseminação da doença se transmite pelo ar, por isto, determinado o uso obrigatório de máscaras para reduzir o contágio. Adotam-se severos protocolos sanitários de proteção que restringem o deslocamento e a circulação de pessoas para evitar aglomerações. É imposto o distanciamento social, o toque de recolher, a quarentena, o isolamento, e decretados sucessivos lockdowns, provocando radical transformação na rotina cotidiana com reflexos econômicos, políticos e sociais. A vida de todos os habitantes do planeta foi alterada. A brusca mudança de hábitos exige novos comportamentos e aprendizagens. Encontros e interações sociais passam a se realizar exclusivamente “à distância” o que demanda a instalação imediata de novos aparatos tecnológicos para atender tais condições, obrigando adaptações profundas na já complexa realidade.

No momento da propositura do Projeto de Pesquisa (em meados de 2018 – antes da Pandemia) o ‘ambiente virtual’ ainda era apontado apenas como um panorama futuro, que só viria a ser implantado como padrão a longo prazo nas

sociedades visto suas limitações de ordem econômica. Projetavam-se aqueles sistemas para executar as futuras formas de trabalho e negócios, lazer e educação. A pandemia precipitou aquele 'futuro' exigindo imediatamente o emprego de tais recursos.

O ambiente virtual passa a ser praticamente a única forma possível para a realização de tarefas (antes banais) do cotidiano que passam a ter um novo modus operandi. Torna-se 'normal' fazer compras e outras transações comerciais on-line, por tele-marketing e no e-commerce com as entregas feitas em domicílio; grande parte do processo laboral passa a ser executado em home-office; as comunicações interpessoais só ocorrem virtualmente para cumprir o distanciamento social decretado. A Pandemia precipitou os fatos, fazendo com que aquelas tecnologias se tornassem o principal meio para realização das interconexões educacionais, mas o emprego daquela modalidade remota acarretou descompassos de aproveitamento no desempenho dos estudantes de todos os níveis de ensino. Em substituição ao modelo presencial (diversamente ao 'ensino à distância') adotou-se a educação remota emergencial com o emprego de plataformas virtuais acessadas na Internet. Não obstante, ficou comprovado que a presença física de alunos e professores em sala de aula é essencial para o rendimento escolar.

As formas culturais (objetos e significações) nas artes e literaturas, nas ciências e tecnologias constituíam um acervo de conhecimentos acumulados na história da humanidade e esse universo produzia uma sensação de domínio e saber na qual o sentido de devir expressava a ideia de 'progresso'. O choque provocado pela paralisia geral decorrente da Pandemia colocou em xeque crenças profundamente arraigadas em nossa consciência e aqueles horizontes tradicionalmente estabilizados num contínuum lógico de passado, presente e futuro foram profundamente abalados. Perdidas e separadas de qualquer concepção racional de vida civilizada, a maioria das pessoas não encontra soluções minimamente satisfatórias para materializar seus desejos e projetos nessa estrutura mortificada e alienante do sistema que se tornou um verdadeiro moinho de moer carne e espírito. Em tais momentos de incertezas que circundam as profundas crises estruturais, imersos no caos social é frequente a perda do sentido de comunidade.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

Afinal, quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1990, p.138).

Neste mundo individualista de hedonismos exacerbados, as desigualdades sociais se aguçam e as possibilidades de se realizar acordos para amenizar as asperezas da vida são cada vez mais reduzidas. A solidão e a angústia corroem conceitos e valores que balizavam as ações no cotidiano amplificando as incertezas. A crise de consciência começa a ser vista tal qual realmente é – emocionalmente oca, esteticamente absurda e espiritualmente vazia. Se em tempos de estabilidade as pessoas podiam ser valorizadas em suas individualidades, nos tempos incertos as relações sociais exacerbam discriminação e preconceitos, ameaçando as expressões da subjetividade.

A perplexidade atravessa corações e mentes parecendo inverter o sentido da flecha do tempo. Jamais se poderá recuperar "o tempo perdido". Hoje aquela "busca" (almejada romanticamente por Marcel Proust) não faz o menor sentido. Não tem qualquer propósito se voltar para tentar recuperar o passado. Ele é apenas memória. O que passou, passou... só é possível viver no presente e é crucial reunir forças para reinventar um futuro (se for possível o futuro).

Problematização

Desde seu início no século XVI a ciência moderna veio construindo um percurso único de explicação dos fenômenos do mundo, onde todo conhecimento produzido sobre a realidade operava por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos. Tal processo de ordenamento deveria distinguir, separar, identificar, associar, unir, hierarquizar (o principal e o secundário) e nuclearizar centralizadas as noções capitais. No entanto, o atual modelo de educação (em todos os níveis) não promove esta forma 'organizativa', impedindo a conformação da mente do estudante num processo articulado que contemple a totalidade da vida. A identidade do homem no mundo medieval era dada em função de seu saber/fazer (estar no mundo) –

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

o artesão. As transformações da modernidade libertaram o indivíduo daquela estrutura feudal estabelecida em relação ao secular e ao divino (não sujeitas às mudanças); ali o status (posição) e classificação de uma pessoa como parte da 'grande cadeia do ser' (corpo e alma) imperava sobre uma possível soberania individual.

Aparece a figura discursiva do 'sujeito', cuja forma unificada e identidade racional é pressuposto essencial para os processos que moldaram a modernidade. Passando por diversos estágios, o 'sujeito moderno' emergiu e se tornou o centro nos discursos e práticas que moldaram a sociedade, adquirindo sua definição sociológica na interação social. Na modernidade tardia, o sujeito foi 'descentrado'.

Ao longo da história são evidentes as consequências da busca de domínio da natureza e das lutas por dominação dos homens sobre a sua própria espécie. Se observarmos os animais em seu estado natural, desde tempos imemoriais constataremos que sua existência (excluída a extinção de alguma espécie) se materializa apenas por estar vivos, presentes no ambiente. O animal humano, diversamente, tentou viver em luta contra a natureza na qual estava mergulhado. Sobre a base de sua inteligência do mundo, tenta dominar o mundo para a sua sobrevivência. O universo é um dado externo à nossa consciência e a verdadeira glória não é submeter, dominar e degradar a natureza, mas, ao contrário, enriquecê-lo e ampliar suas possibilidades construindo outros universos. Numa analogia criadora que dessacraliza o divino – amassar o barro e o moldá-lo ao longo da história – submetendo-o às necessidades animais e espirituais humanas. "Desde seu aparecimento o sapiens sapiens-demens foi elaborando um ciclópico e inesgotável 'multiverso' que constitui o imensurável conjunto de artefatos materiais e imateriais da cultura". (MORIN, 2002, p.59) Daí a importância da compreensão do 'contemporâneo' para além de meros efeitos simplificados de modismos de consumo (superficiais e passageiros) que se reduzem apenas ao folclore.

Como diz Edgar Morin, "Vivemos um tempo onde a aceitação da interrogação e da dúvida – virtudes elementares do pensamento – é cada vez mais restrita e menos compreensível". Apesar do progresso da ciência e, justamente por causa de seu desenvolvimento, é cada vez maior a magnitude

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

da nossa ignorância frente aos novos horizontes do conhecimento. Constata-se a insignificante dimensão do saber humano diante da vastidão do tempo e a imensidão do universo. Os grandes mistérios nele implicados se encerram em perguntas ainda sem respostas. Somos forçados a admitir que a complexidade impera em todos os processos de nossa existência – antes, é o princípio que sustenta o próprio fenômeno da VIDA – e, consequentemente, deve ser o objeto central de nossas reflexões. A palavra 'complexo' deve ser entendida literalmente – complexus: o que se tece em conjunto. "Só se pode entrar na problemática da complexidade penetrando na da simplicidade, porque a simplicidade não é tão simples como parece..." (MORIN, 1990, p. 39)

O Pensamento Complexo é essencialmente o que trata das incertezas e que é capaz de conceber a sua organização. É o pensamento apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo, a reconhecer o singular, o individual, o concreto. Tal 'pensamento' não se reduz à ciência nem à filosofia, no entanto, permite sua concepção e comunicação – como um tear que trabalha para unir os diversos fios... Também é uma forma de ver o mundo que advém, entre outras coisas, do reconhecimento da hipercomplexidade do real, cada vez mais desvelada pelos avanços da ciência, o que exige um outro modo de articulação do conhecimento que o coloque em ressonância com os problemas oriundos de saberes múltiplos, tais como a arte, a filosofia e as ciências. Uma abordagem transdisciplinar emerge como necessidade deste pensamento e se apresenta como metodologia aberta, indispensável para tratar das questões de nosso tempo. No interior deste processo, o mundo das certezas do sujeito cognoscente dá lugar à necessidade de que possamos assumir os paradoxos da realidade e aprender a conviver sob o Princípio da Incerteza. O ideal de verdade e neutralidade científicos assim como a busca de uma objetividade absoluta vêm sendo destituídos progressivamente de sentido, cedendo cada vez mais espaço a uma abordagem processual dos fatos da vida, orientada por um renovado paradigma ético e estético.

A inteligência da complexidade trabalha para religar a cultura científica com a humanística, literária e poética, favorecendo a operatividade de uma ética civilizatória das relações humanas que permita pensar o observador como parte integrante do processo de construção do conhecimento no interior de uma rede

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

de temporalidades e causalidades múltiplas e simultâneas. O 'pensamento complexo' se coloca diante desta tarefa urgente que é a necessidade de reorganizar e religar os diversos saberes dispersos e desconexos. Para rearticular estes conhecimentos destaca-se a transdisciplinaridade como ferramenta para superar as limitações e insuficiências dadas pelas 'disciplinas', articulando a constelação dos diferentes conceitos – comportando contradições e incluindo exclusões de conteúdos simbólicos e imaginários – para a dissipação das fronteiras dos saberes instituídos e a busca de validação de formas de conhecimento que rejuntem ciências, artes, literaturas, tradições e mitos.

A complexidade do todo que se revela no mundo da cultura e da subjetividade se torna uma evidência incontestável no mundo da física. No plano físico a lógica dedutiva é capaz de provar os fatos, mas no mundo simbólico e imaginário da cultura – como no campo da microfísica de Niels Bohr (1885-1962) – ela é insuficiente pois surgem sempre contradições insuperáveis. Afirma aquele cientista que duas proposições contraditórias são, na verdade, complementares (as concepções ondulatória e corpuscular da matéria elementar): dois fenômenos que, empiricamente aparecem em condições diferentes seriam naturalmente associados a uma forma lógica de mútua exclusão, no entanto, "na realidade complexa é necessário enfrentar tal contradição como parte complementar de um mesmo sistema que as integra." (BOHR, 1995, p.122)

No sentido diametralmente oposto ao modo convencional de pensar (como o que se aprende desde os primeiros passos no ensino convencional) é necessário comportar as contradições e complexidades dos fenômenos observados para não desintegrar o todo. Separar para compreender, conforme preconizava Descartes, pode, muitas vezes, se tornar um erro irreparável, pois em cada raciocínio e análise há que se considerar todas as nuances e sutilezas que lhes dão sentido, incluindo as contradições. Ao invés de 'simplificar' a realidade para eliminar o problema, é preciso encontrar a forma de apreendê-lo contextualizado em sua totalidade. Aceitar o paradigma conjuntivo e suspender o disjuntivo é o caminho. Afinal, caos e cosmos só serão excludentes se desconsiderados como complementares.

Embora a ciência, a arte e os processos técnicos penetrem e perpassem

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

as crenças e valores aprendidos pela humanidade, não são evidentes como elementos estruturantes (conscientes e inconscientes) do conhecimento de cada indivíduo. No decorrer do século XX a relação homem–técnica modificou-se profundamente, tornando-se visível e imperativa a sobredeterminação das suas ações transformadoras. Avanços das pesquisas em áreas como a da genética e da biologia, aliadas aos recursos tecnológicos da informática, redelineiam esta relação delicada, colocando novas questões acerca da representação do mundo, da natureza, do corpo, das doenças e deficiências e da nossa própria concepção de homem. As transformações socioculturais produzidas no imaginário são tão drásticas quanto as mudanças nas bases tecnológicas e econômicas. Por essas razões, a polêmica relação entre tecnociência e humanidades, o que tem suscitado novas perguntas (e respostas) em busca de compreender o mundo e a si mesmo. Na lúcida visão do cosmólogo Carl Sagan, como se fossem velas no escuro, os saberes devem formar linhas iluminadas direcionadas à esperança, segurança e paz no destino da humanidade. “A ciência, a filosofia, as artes, a cultura, são caminhos para o homem exercitar o seu discernimento e aproximando-se da verdade.” (1996, p.56)

Desde a última década do Século XX tornou-se corriqueiro o uso de computadores no trabalho, nos estudos e pesquisas e no lazer. As inovações tecnológicas crescentes têm promovido mudanças substanciais de hábitos e comportamento nas sociedades humanas. O emprego de novas formas de comunicação e o hegemônico ambiente virtual que se consolida têm promovido substanciais alterações nos processos culturais mundializados e na formação de identidades individuais e coletivas.

“As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que chamo de ‘zonas de conforto’, onde o único som que se escuta é o eco das próprias vozes, onde a única imagem que vêem são os reflexos de suas próprias faces. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha” (BAUMAN, 2016, p.87).

As redes sociais são portais de caminhos de mão dupla. A pessoa pode enviar e receber informações (mas nem sempre as absorve) e a interação é

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

opcional. A educação atual, em todos os níveis, não prima por preparar os cidadãos para o diálogo e a aceitação das diferenças, nem para admitir o contraditório necessário para a sobrevivência da espécie. Vivemos um momento de grandes transformações, imersos em contradições em que a perda do sentido de comunidade é uma de suas características. Tais fatores produziram insegurança, daí a necessidade de engendrar algo de sólido (que não desmanche no ar) para se apoiar. O mundo individualista está espelhado na degradação e nas desigualdades crescentes. Este fato é perceptível tanto nas 'exterioridades' das relações sociais, como também, internamente, sofrido em nossos corpos (especialmente de nossa mente). A consciência da solidão e da angústia inibem ações altruístas, minimizando nossa capacidade de aceitação do outro. Nossos dilemas refletidos nas incertezas do presente não podem se resolver num movimento de 'voltar atrás'. "Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar sua posição social e suas relações reciprocas" (para citar o clássico pensamento de Marx). É preciso inverter esta rota (endereçada ao desastre do abismo) realizando alianças e acordos que fertilizem convivências para amenizar as asperezas da vida. Entre as funções da ciência está a de oferecer os suportes necessários para as ações concretas dos indivíduos. Em face dos movimentos gerais de uniformização do pensamento e dos comportamentos ditados pela cultura digital, o reforço da identidade local tem o poder de geratriz de imaginários sociais que podem se constituir em vigorosa reação aos padrões midiáticos que se querem hegemônicos. Por isto vale dar relevância às reivindicações e movimentos de diversidades e alteridades.

Na sociedade contemporânea, as identidades culturais se impõem a todos como verdades integradoras a partir das quais somos conformados a 'pertencer' e instados a agir. A cultura neste contexto é um pano de fundo costurado em fragmentações desconectadas da vida real e os processos identitários se desenvolvem nesta mesma tônica multifacetada, na qual pequenas parcelas de valores, crenças e saberes se justapõem, dando a falsa sensação de unidade para indivíduos e grupos – desfazendo o conceito de identidade cultural. Por isto cogita-se a necessidade de que pesquisadores de diferentes áreas poderiam realizar trabalhos teóricos e empíricos que comportassem diálogos e discussões

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

transdisciplinares, partilhando seus dilemas e desafios, com escopo de contemplar e atuar positivamente na contemporaneidade. Enfrentando este desafio é preciso levar à frente a intenção de, dialogicamente, construir 'pontes' entre os feudos disciplinares (e seus ferrenhos guardiões) na luta contínua para democratizar o saber, dissolvendo as barreiras entre as instâncias acadêmicas.

Nesse contexto apontar a desconstrução articulada por Jacques Derrida (2004, p.71), onde a realidade deve estar abrigada de parcialidades e a inteligência deve ser empregada na defesa intransigente da proliferação de muitas verdades, ao invés da reiteração da 'verdade centralizadora' típica do 'pensamento único'. Estão imbricadas nessa 'desconstrução', questões filosóficas, literárias, políticas e intelectuais que vieram proporcionar um sensível abalo no pensamento metafísico ocidental pois colocam sob suspeita os discursos da Filosofia e das Ciências Humanas, da Literatura e da História ou da Psicanálise ao questionar o próprio conceito clássico de ciência. Tal 'desconstrução' surge então como vivência 'poiética' e prática de um "pensamento contaminado". A 'contaminação' se assinala como traço de união entre os conceitos de 'presença' e 'ausência', tornando-os insolúveis, mas não idênticos nem indiferentes. Essa contaminação seria um leitmotiv da desconstrução, daí a necessidade de novos paradigmas para comportar as insurgências contra as concepções cartesianas (tão criticadas por aquele autor) que atendem apenas a interesses menores de certos poderes contra certos saberes. no universo abstrato da hipercomplexidade os conceitos "cultura" e "identidade" colocam-se em crise sobre seus próprios limites, pertinências, abrangências, exigindo redefinições quanto aos seus precisos significados.

Tal qual enunciado por Morin (2002, p.49), a identidade do sapiens-demens conforma-se no "ser antropo-socio-psicológico caracterizado como produtor de 'discursos' , sendo estes, elementos aglutinadores e geradores das estruturações imaginárias da cultura no mundo social". Cultura também é um vocábulo complexo, que se expressa dinamicamente como conceito 'múltiplo', em permanente construção e refazimento. O termo oscila entre uma concepção de conjunto coeso como uma totalidade e um sentido sócio-psico-etnográfico parcial de caráter ético e estético de grupos particulares. Estas ideias se configuram para Morin na denominada boucle concebidas como matrizes

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

autogeradoras.

As ciências produzidas pelo homem se caracterizam na cultura como atividades pertencentes à vida social. Enquanto a pesquisa é aplicada em melhorias dos meios natural e artificial, a invenção, concepção ou descoberta de respostas para as perguntas resultam em inovadores modos de solução de problemas e na construção de objetos e bens (materiais e imateriais) culturais: é assim que a ciência se converte em tecnologia. A ciência aparece aos nossos olhos tais qual a mais deslumbrante e assombrosa das estrelas da cultura quando a consideramos como um bem em si mesmo; isto é, como uma atividade produtora de novos conhecimentos, concepções, imagens e ideias que permitem inéditas 'visões-de-mundo', para além da própria produção dos objetos deles decorrentes como tecnologia. Neste processo se edifica uma 'segunda natureza' – de caráter artificial, de signos e objetos que inundam nossa realidade. O corpo de ideias a que se convencionou denominar 'ciência', pode ser caracterizado como conhecimento racional, sistemático, exato, verificável e, por conseguinte, falível. Embora a técnica e a ciência sejam coparticipantes na 'construção mental' do humano, no decorrer do último século a relação homem-técnica modificou-se profundamente, tornando-se extremamente visível e imperativa, quando antes era, tão somente, insidiosa. Em consequência, estamos mergulhados num 'ambiente global' onde o capital se desloca cada vez mais da produção em direção à virtualidade da informação.

Convivemos com progressivas evoluções tecnológicas, sendo a principal e mais recente, a revolução informacional, que remodelou as bases materiais do nosso trabalho intelectual, interligando tempos e espaços ou, como descreve Castells (1999, p.53), "inaugurando um mundo de fluxos de riqueza, poder e imagens que acabam por opor o ser humano e a rede mundial de computadores". Vivemos um novo modo de 'desenvolvimento' que embora não rompa com o modo de produção capitalista, lhe dá nova roupagem, contribuindo sobremaneira para a construção de uma sociedade global com traços distintivos dos que imperaram durante o século XX. "Por meio da investigação científica o homem alcançou uma reconstrução conceitual do mundo que é cada vez mais ampla, profunda e exata." (BUNGE, 1999, p.71).

É corrente a ideia de que a medicina, a psicologia (entre outras ciências

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

aplicadas) antes de ciências, se constituem em artes – no sentido de que não serão nunca reduzidas à simples aplicação de um conjunto de regras que podem ser explicitamente formuladas, escolhidas e aplicadas sem que sejam mediadas pelo juízo pessoal do profissional. Neste sentido a física e a matemática também são artes: afinal alguém saberia de alguma receita precisa e segura para se descobrir novas leis da natureza? … ou, quem sabe, para adivinhar inéditos teoremas? Nunca se soube haver alguma obra mestra de ciência que tenha sido concebida pela aplicação consciente e escrupulosa das regras conhecidas do método; a investigação científica é praticada, em grande parte, como uma arte; não tanto porque implique e demande regras quanto porque não requeira nenhuma intuição inata, mas porque exige uma grande variedade de disposições intelectuais.

O modelo de ensino instituído nos países ocidentais separa artificialmente os conhecimentos através das disciplinas, mas não é assim que os fenômenos ocorrem na natureza pois, como sabemos, no caso de animais e vegetais, tudo está interligado. Mas as escolas não ensinam o que é o conhecimento, ele é apenas 'transmitido' pelos educadores, o que é um reducionismo. A educação, além de ensinar o desenvolvimento sempre atualizado das ciências, deve ser um start para o despertar para a filosofia, a literatura, a música e as artes. "É isso que preenche a vida. Esse é o verdadeiro papel da educação". (MORIN, 2000, p.71) A educação será sempre foco permanente e 'nó górdio' por onde passam todos os processos referentes à produção e a transmissão do conhecimento, e aquele saber é o verdadeiro objeto e objetivo da educação. Assim, é muito importante o conhecimento de ciências para fazer arte.

No campo das artes a divisão disciplinar tradicional começou a se desfazer com o desenvolvimento tecnológico em meados do século XIX, quando surgiram novos artefatos, instrumentos e aparelhos, causando impactos socioculturais e estéticos, atingindo as próprias concepções, processos e formas de pensar, fazer e fruir todas as manifestações culturais. Isto resultou no aparecimento de outras intencionalidades e expressões estéticas, desde a 'arte total' da ópera wagneriana, até a 'obra-aberta'; da arte conceitual à performance e suas formas híbridas.

Se a arte se expressa na feliz conjunção de experiência, destreza,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

imaginação, visão, (antevisão, previsão e projeção), além de habilidade para realizar inferências do tipo analítico e interferências no seu objeto de ação professional, então, não só a medicina, a psicologia, a ecologia, a política, a vigilância sanitária o são, como, também, toda e qualquer dentre tantas outras disciplinas. No limite, nunca se tratará de caracterizar se determinado campo da atividade humana está implicado em arte ou em ciência. Afetos e questionamentos circulam livremente entre ambas, unindo-as em nossa percepção. A arte também é objeto da ciência. O seu papel essencial se evidencia na absoluta centralidade da fantasia na psique humana e da independência e autonomia do ato de fantasiar (devaneios e sonhos) como fundante da subjetividade da espécie. Esta é uma, dentre muitas, fecundas lições retiradas da seminal leitura de Freud feita por Castoriadis (1995, p.127). Nelas se redescobre o universo imaginário como um componente essencial da vida psíquica.

Precisamos enunciar imaginários sintetizando ideias e conexões entre ciências e artes com outras formas de conhecimento (inclusive o mitológico) por meio da literatura. No entanto, as práticas acadêmicas convencionais (inclusive nas ciências e nas artes) mantêm a compartimentação do conhecimento. Perdeu-se a noção da totalidade, do todo da realidade onde tudo está ligado. É necessária uma postura inovadora tanto na abordagem do pesquisador quanto no seu papel de relator e divulgador de resultados de sua pesquisa.

Como o artista bricoleur o artesão intelectual deve estar sempre atento para combinações não-previstas de elementos, evitando normas e procedimentos rígidos que, via de regra, desembocam no “fetichismo do método e da técnica”. Pesquisa é um empreendimento multifacetado que requer intenso exercício das faculdades psíquicas do agente, condicionado por circunstâncias socioambientais específicas. Por esse motivo, os testemunhos pessoais dos pesquisadores, por mais ‘parciais’ que possam ser, geram sempre alguma luz sobre aspectos especiais e particulares de determinada investigação. As pesquisas são significativas para todas as sociedades e têm suas leis, que não são simples, nem infalíveis. São numerosas, complexas (mas, nem sempre absolutamente eficazes) e, em parte, desconhecidas. A ciência precisa ser compreensível e isto se refere, principalmente às formas de apresentação dos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

resultados da pesquisa, antes dos diferentes modos com que estes são obtidos.

Na sua Antropologia Estrutural (2003) é perceptível a objeção de Lévi-Strauss ao 'cientificismo' por não conseguir expor a riqueza da diversidade fenomênica dos processos socioculturais nem a pluralidade dos conteúdos linguísticos e antropológicos. Os procedimentos de pesquisa são aprendidos investigando, mas também, inventando outros possíveis percursos para a razão, além de simplesmente seguir protocolos e técnicas consagrados de cada campo do conhecimento. A arte de formular perguntas e de provar respostas – é essência da técnica do método – é algo bem mais amplo do que seguir piamente um conjunto de receitas. As teorias devem adequar-se aos fatos e nenhum fato isolado será aceito pela comunidade acadêmica a menos que tenha cabimento em alguma parte do edifício teórico anteriormente construído, mas sempre será possível relatá-los em inovadoras narrativas e cartografias.

De acordo com Bunge (1999, p.91) o suporte racional do homem não é garantia de verdade. Se o fosse, as teorias seriam invulneráveis à experiência. Os suportes empíricos e os princípios racionais das hipóteses são interdependentes. Os saberes acumulados ao longo da história da humanidade na busca de compreender a realidade se constituíram enquanto processo difuso de segredo e de domínio, em função do poder que sempre representaram. A partir do nascimento da Ciência Moderna estes conhecimentos foram divididos e organizados de modo paulatino em nichos e territórios cada vez mais estanques, com linguagens e concepções exclusivas, que se tornaram incomunicáveis e, muitas vezes, ininteligíveis. Não se deve (pode) ficar submetido às estritas (e restritivas) amarras de discursos ditos 'científicos' para tratar das humanidades quando tais cânones limitam (se não impedem) as possibilidades de transmitir nossas reflexões sempre que estiverem implicadas, ciência e arte. Ambas, em seus mais profundos significados, acabam sendo limitadas, se não forem traduzidas pelas formas intuitivas e mágicas dos discursos (conteúdo e continente) poéticos e literários. Mas, alerta (SLOTERDIJK, 2000, p.28), "é apenas marginalmente que os meios literários, epistolares e humanistas servem às grandes sociedades modernas para a produção de suas sínteses políticas e culturais."

Nas ciências sociais, dada a inconstância, permanente mutabilidade e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. Aceito em: 20 out. 2022

diversidade de comportamentos (características de tudo que é humano) faz-se necessário que sejam admitidos outros modos de abordagem e descrição decorrentes de percursos intelectuais reinventados. A busca intelectual criativa deve ser provocada e iniciada desde as primeiras lições infantis pois podem propiciar novas descobertas levando a inusitadas conclusões. "Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para formar um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo." (ABRAMOVICH, 1999, p.14) Assim também se dá, por exemplo, quando fundadores de novas disciplinas e paradigmas de análise propuseram procedimentos e técnicas de investigação 'diferentes' que hoje se constituem em consistentes métodos científicos. Para citar apenas dois bons casos, lembremos que as descrições originais dadas por Durkheim sobre o 'fato social' tornaram-se o marco inicial da Sociologia; do mesmo modo ocorreu com o 'inconsciente' conforme conceituado por Freud, que acabou por se transformar em eixo fundador da Psicanálise.

Os tempos atuais, carregados pelos excessos dos individualismos e das impertinências dos especialismos, chegaram ao paroxismo entre o micro e o macro, o todo e a parte, terminando por dicotomizar homem e mundo, na separação inconciliável entre corpo e mente, real e imaginário, econômico e lúdico etc. Neste ponto é evidente que o envolvimento inescapável de cada um dos atores nesta tragicomédia do cotidiano submerge na realidade caótica que se impõe em todos os processos in/sustentáveis de desenvolvimento individual e social. Tal condição propicia o aparecimento de insubmissões e insurgências de cosmovisão que possibilitam romper concepções cartesianas do mundo como ainda persiste na escola conservadora. Novos modos de ver o mundo exigem novos discursos e formas para explicá-lo. Sabemos que a percepção de realidade é influenciada por diversas regras que operam no ordenamento dos fatos.

Desde Contra o Método (FEYERABEND, 1975, p.78) somos levados a reconhecer que nosso sentido de realidade é limitado e formatado, determinando condições particulares unilaterais exclusivas, afetando sua "weltanschauung" (visão-de-mundo), o que determina diferenças inconciliáveis e excludentes que

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. Aceito em: 20 out. 2022

podem levar à intolerância, ao preconceito e à discriminação; por outro lado, algumas regras, quando se tornam hegemônicas, podem 'determinar' uma visão única, fato que levou a alguns ismos (nazismo, fascismo, comunismo etc.) contra os quais devemos estar alerta para não voltar a repetir dramaticamente esses erros. Afinal, é preciso respeitar e entender o segredo de sucesso que assenta sobre o mecanismo de correção sistemática de erros embutido na própria metodologia da filosofia da ciência. Isto determina que verdades sagradas não imperem, nem temas melindrosos possam ser impedidos de se examinar. Pensamentos diversos são para a busca da verdade substantiva. Também é indispensável não perder a ternura.

Zygmunt Bauman no livro Amor líquido (2016, p.125) aponta para as fragilidades manifestas atualmente nos vínculos afetivos entre os seres, os fenômenos e os objetos. Para este autor, as pessoas estão consumindo (se consumindo) e sendo consumidas como os objetos descartáveis do capitalismo pós-industrial sem se dar conta disso. Nas abordagens transdisciplinares de quaisquer objetos de investigação – que por princípio se constitui em 'complexos' – naturalmente é preciso que se admita inovadores procedimentos em que se considere a necessidade de relações simbólicas submersas em envolvimentos estéticos e afetivos, inclusive no que se refere à sua forma de comunicação de resultados. As pesquisas e seus respectivos relatórios correspondentes precisam ter um caráter mais fluido, permeável e amistoso, deixando de se apresentar como obrigações acadêmicas, para tornarem-se interessantes e sedutores a qualquer leitor interessado – para além dos especialistas no assunto – simplesmente pelo seu conteúdo de novidades instigantes que relatem descobertas e horizontes outros.

A manutenção de arquivos era tradicionalmente realizada com lápis e papel mas pode, hoje, ser feita no computador. Da mesma forma esses procedimentos podem gerar o hábito da reflexão sistemática através da qual o cientista mantém seu mundo interior desperto numa conversa íntima e solitária (mas coerente e consequente), relacionando aquilo que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa.

Reflexões tópicas no interregno da pandemia

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. Aceito em: 20 out. 2022

A revista The Economist realizou o seminário ‘O Mundo em 2021’ onde promoveu análises, previsões e especulações voltadas para o futuro. Entre os resultados apontava que a expectativa de se ressocializar em encontros afetivos e relações interpessoais será frustrada pois estaremos diante de novo panorama de convívio, alterado pelo isolamento e pelos cuidados sanitários instaurados para evitar o contato com o vírus. Também apontou para uma série de outras consequências irreversíveis. Nossos locais de trabalho deverão ser redimensionados. Os modelos de trabalho, de estudo e de lazer remoto a partir de nossas moradias tende a se consolidar, cada vez mais adaptados às mídias digitais. Encontros de intercâmbio e reuniões passam a ocorrer exclusivamente em ambientes virtuais.

As residências das famílias passarão a ter outro status como locus principal a serem ocupadas no cotidiano, tornam-se cada vez mais tecnológicas e adaptadas aos novos hábitos de maneira irreversível, mudando nossa vida diante do novo normal. Cada vez mais as ‘redes sociais’ e as virtualidades se instauram enquanto estruturas digitais de relações humanas possibilitadas pelas tecnológicas que oferecem formas de comunicação entre diversos grupos de pessoas e organizações, conectadas por um ou vários tipos de relacionamento e permitem compartilhar conteúdos, ideias, valores, objetivos e interesses comuns.

A educação nunca mais vai voltar a ser igual ao que tínhamos até o início de 2020. Estudar off-line e on-line fará parte do novo padrão. Escolas, bibliotecas, centos culturais e universidades se transformam para se tornar referência local de esquemas presenciais híbridos para sempre. As pesquisas e o tratamento de dados se tornarão mais coletivos e as grandes plataformas vão ser dinamizadas e popularizadas em maiores proporções de transparência. Tudo poderá ser partilhado, copiado, replicado, em domínios coletivos anônimos.

Educação, trabalho, arte e entretenimento, terão suas infraestruturas físicas substituídas por serviços sofisticados de realidade virtual. A ‘imediação’ será cada vez mais valorizada. A saúde mental torna-se cada vez mais recorrente como preocupação individual e novas plataformas de autoajuda proporcionarão mecanismos para enfrentar situações de agressividade, solidão

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

e angústia vivenciadas durante o isolamento. Mudanças desta magnitude, apontam que é preciso ter coragem e ousadia para rever nossas percepções, repensar valores, crenças e redimensionar projetos pessoais e institucionais.

Conforme Edgar Morin na Epistemologia da Complexidade (1996, p.114), adquirimos conhecimentos espantosos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico e, cada vez mais, a ciência impõe métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão rejeitam nos antros do espírito, os mitos e as trevas, no entanto, o erro, a ignorância, a cegueira, progridem ao mesmo tempo que novos conhecimentos. Do ponto de vista cultural, mudanças da base material calcadas nos avanços nas ciências e e pelas novas conquistas tecnológicas contribuíram para a vanguarda e inovação nas artes, dissolvendo fronteiras e abrindo novas formas de expressão, particularmente o impacto de novas formas de comunicação, promovem alterações na inteligência social, especialmente na formação de mentalidades.

Antes do aparecimento das formas de comunicação propiciadas pelas tecnologias smart do mundo eletrônico, o germe do desejo de manifestação das subjetividades e do inconformismo já haviam nascido e se alastrado num movimento identitário de âmbito global em aparente afirmação das individualidades que pretendia separar o “velho” do “novo” na história humana. Mas os modelos de comportamento e os paradigmas representacionais acabaram submetidos às determinações econômicas que também manobram as forças políticas, e parecem sujeitar tudo e todos à dominação das virtualidades nos meios tecnológicos. Uma possível volta ao ‘status quo’ anterior não significa inversão de sentido da flecha do tempo na história. O tempo não para, ao contrário, se acelera progressivamente, até a sociedade encontrar um novo patamar aceitável de estabilidade.

Acordemos para todos os danos que, em nome de deuses e de outras tantas veleidades idiossincráticas, se causou ou se vêm causando à natureza e à própria espécie desde o aparecimento do homo sapiens-demens. Avanços nas pesquisas paleontológicas têm propiciado visões cada vez mais detalhadas, definitivas e tenebrosas da nossa herança do um passado extremamente violento como a guerra de aniquilamento que dizimou tantas espécies e os neandertais. “O homem é o lobo do homem” – diz o dito popular mas, pelos mais

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

diversos motivos – sempre equivocados: ambição e exploração econômica, estratégias fatais de combate, malfadadas decisões políticas, preconceituosas manifestações culturais, nefastas práticas rituais xenófobas, ou ainda, repetidas missões religiosas genocidas, cegas em alucinações messiânicas – todas essas (e outras) irracionalidades provocaram a morte de milhões de pessoas, aniquilando culturas, tradições e línguas de tantas civilizações. A imensa escala de ameaças representadas pelas mudanças climáticas globais e pelas irresponsáveis ações produzidas pelo homem podem ser ainda mais graves do que tem sido foi informado.

A magnitude da perda de biodiversidade esgota a capacidade do planeta em suportar estas agressões indiscriminadas, inconsequentes e inconscientes. Esta erosão constante, acelerada e crescente corrói todas as formas de vida na biosfera com extinções em massa e risco do fim da humanidade. A ignorância e os interesses imediatos de enriquecimento aliados ao descompasso dos níveis de ação dos estados e sociedades organizadas impedem uma ação unificada global que é crucial para a sobrevivência. O conceito de sustentabilidade precisa ser aplicado imediatamente a todas as atividades humanas. É vital cessar imediatamente a extinção de espécies vegetais e animais, suspender a degradação do meio ambiente, devendo ser implementadas leis internacionais severas aos infratores, por crime contra a vida.

Para não incorrer novamente nos mesmos erros não podemos nos submeter à Inteligência Cega conforme argumenta Morin (1990). Será preciso a união de esforços para extirpar a fome, combater a peste e prevenir a bestialidade na luta permanente contra a ignorância. Não podemos errar mais e as recentes buscas de possibilidades de vida exo-planeta não passam de mera especulação ficcional. Da mesma forma, todas as ciências em progresso devem oportunizar descobertas e inovações tecnológicas alvissareiras, inaugurando perspectivas de um futuro que pode ser reequilibrado (ou mais equilibrado) e – talvez – menos infeliz.

Um novo ponto pode redirecionar a curva “normal” do desenvolvimento humano, modificando todas as dinâmicas sociais, políticas econômicas e culturais. Tal posição nova exige enorme capacidade de adaptação pois a mudança geral de mentalidade promove novos padrões de comportamento. Os

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. Aceito em: 20 out. 2022

tradicionais modelos e paradigmas referenciais para a construção de identidades sofrem alterações permanentes. Decorrente da pandemia do Coronavírus e do panorama existencial vivido hoje (2021) observam-se consequências que modificaram para sempre a vida cotidiana. Não apenas com relação a determinações de cuidados sanitários (uso obrigatório de máscaras, quarentenas, afastamento social evitando aglomerações, campanhas de vacinação em massa). Novos instrumentos, processos e modos de trabalho se instalaram empregando novas tecnologias como aplicativos da revolução digital, especialmente no campo da comunicação. São fatos irreversíveis.

Para ensinar é preciso primeiro aprender a reaprender – reaprender a aprender, sempre com muita atenção e respeito, como a viva curiosidade despretensiosa das crianças, mas sem a ingenuidade que o desenvolvimento científico nos ensinou a suspender. Duvidar sempre é uma atitude de alerta necessária para não incorrer novamente nos mesmos erros. É necessária a ciência de que tudo está mudando o tempo todo, aceleradamente, portanto é preciso estar sempre reaprendendo para a "inteligência" num processo coletivo de compreender, participar e partilhar das experiências da vida e do mundo. O humano também se caracteriza pela contínua superação de limites.

"Estamos todos conectados: Uns aos outros, biologicamente; à Terra, quimicamente; ao resto do universo, atomicamente." Compartilho integralmente está sintética e bela ideia-imagem expressa pelo astrofísico norte-americano Neil Degrasse Tyson. Nossa existência consiste em renovação e substituição permanente de novas células biológicas, neurológicas e psicológicas: uma espécie única de câncer benigno em que as metástases positivamente nos aprimoram eliminando o mal e os erros individuais e coletivos. Para nos adaptarmos cada vez mais à própria função e sentido de estar vivo será preciso um crescente 'religar' de tudo com tudo no universo. Esta busca de harmonia não é nova, nem alguma nova forma de religião. Visto que restam muito poucas alternativas, é preciso resiliência e capacidade de adaptação para estabelecer pontes através dos afetos; de compaixão e solidariedade para renovar nossas potencialidades diante do isolamento causado pela Pandemia e de seus reflexos no processo cultural de construção de identidades no ambiente virtual. Estes fatores permitiram ao sapiens superar adversidades (naturais ou criadas por ele

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

mesmo) e construir uma história de sobrevivência no planeta, mas preciso fazer um mea culpa e admitir que, no decorrer deste percurso da 'humanização' (poderia dizer: desumano?), depredamos, devastamos, matamos nossos semelhantes e destruímos boa parte do bom e do bem de nossa nave-casa, no sentido estritamente ecológico da Terra-Pátria. (MORIN, 1995, p.69)

A pandemia precisa ser entendida e sinalizar o apito final deste jogo perverso. Este momento se apresenta, também, como uma oportunidade para mudar as mentalidades numa perspectiva promissora de sobrevivência ecologicamente viável, repensando os modos de produção e reprodução do sistema. O aparecimento do Covid-19 aponta que algo inesperado ou indesejado poderá vir a acontecer em novas formas cruciais de tragédia. Bilhões de pessoas em todo o planeta, se viram forçadas a ficar abrigadas em suas casas. Nessa perspectiva a imagem da residência readquiriu uma topografia especial: refúgio da intimidade e da preservação do bem mais precioso: a vida.

O sentimento universal de que a morada seja abrigo inexpugnável – de fato, pela ótica do Direito e no sentido estrito da lei, em nações democráticas, deve sê-lo. Este lugar privilegiado passa a ser, então, o único espaço possível de permanência e convívio, seja para o trabalho, para o estudo ou o lazer. Moramos e vivemos as experiências mais significativas nas cidades onde, sob ângulos imprevisíveis, a beleza característica de cada local nos situa na vibração da vida cotidiana sempre renovada em paisagens conhecidas como praças, monumentos, edifícios, parques e avenidas, numa particular cartografia afetiva de memórias e no mapa íntimo dos nossos espaços familiares. Nossa casa é o coração desse lugar especial.

A partir de horizontes teóricos diversos sobre a essência das coisas, Gaston Bachelard nA Poética do Espaço, tomou o espaço da casa como objeto de análise fenomenológica. Tal instrumento de pesquisa é apresentado como método visando estudos para além do meramente material. Cita ali algumas de suas impressões primevas: "Nossa casa fazia para mim às vezes de 'cabana'. Nela eu me sentia seguro contra a fome e contra a sede. Se eu tremia, era só de bem-estar." (BACHELARD, 1998, p.113)

Depositando na habitação seus medos, sonhos, expectativas, segurança, e bem-estar do consciente ao inconsciente, aquele autor demonstra que as

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

pessoas transferem para aquele objeto – “a casa” – a segurança própria de nossas mentes em nos proteger. A residência é um abrigo físico para a tranquilidade da consciência humana, fazendo dela mais que um mero “objeto”, pela função primária do abrigo se tornar uma extensão do ser. Mas o autor vai mais fundo: o corpo humano é a morada da alma, e a casa (refúgio de corpo e alma) um templo que habitamos num determinado espaço e tempo. Na medida em que só é possível acessar as lembranças e sentimentos, o significado da casa somente como morada é deixada de lado, fazendo-nos refletir sobre sua simbologia e importância na vida do homem, ultrapassando seu valor como meramente objeto concreto. Casa então é refúgio reconhecido como moradia da alma, dos sonhos concretos e desejos imaginários. Como uma figura assim tão singular, pode revelar-se uma imagem da concentração de todo o psiquismo?

O texto leva o leitor a uma associação da trilogia alma, corpo e casa, sendo esta, associada ao nosso corpo, e mais profundamente, com a mente humana. Como esse acontecimento efêmero que é o aparecimento da imago poética singular (a morada) pode significar e reagir ao pensamento em outras almas (apesar do senso comum) felizes em sua imobilidade? A casa vai além do seu aspecto meramente físico e estrutural, é um espaço de segurança; é onde se integra o íntimo secreto dos pensamentos, das lembranças e dos devaneios. Tudo isto acaba por configurá-la como local sagrado, fazendo com que o homem se sinta livre, se sinta capaz de modificar sua vida, buscando a felicidade.

A casa que cada indivíduo pode projetar, tanto como residência pessoal, quanto como a morada maior e coletiva, a universal – que desejamos preservar como refúgio, o nosso único habitat natural: a Mãe Terra – sempre foi (e será) um objeto do desejo na imaginação do sapiens-demens de todas as épocas, como se depreende nas sucessivas gerações de memórias coletivas. É um trabalho a ser realizado, tanto individual quanto nas projeções sociais, onde não há limites para os sonhos, já que o futuro é cheio de expectativas e perspectivas em aberto, onde o céu é (literalmente) o limite. É necessário compartilhar este pensamento, pois ninguém está isolado no Universo. Tudo está em relação com... “Não é necessário nenhum esforço cognitivo para perceber que o atual modo de vida hegemônico da civilização capitalista é insustentável. Sem amor, sem aceitação do outro e da diversidade junto a nós, não há socialização, e sem

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

esta não há humanidade" (MATURANA, 2010, p.211).

Conclusões (?)

Neste momento todos se perguntam sobre as formas de uma futura normalidade: As máscaras serão incorporadas definitivamente no cotidiano? A solidariedade deve se impor para que não prospere a ideia do 'outro' como potencial transmissor de doenças infecciosas. Haverá programas anuais de vacinação contra as mutações e replicações de novas cepas do vírus? Como tratar os traumas causados pelos afastamentos e isolamentos compulsórios determinados pelas autoridades sanitárias? Eles certamente dificultaram os relacionamentos ao impedir manifestações e gestos afetivos. Estas novas atitudes mudarão os comportamentos nas relações pessoais? Como as modalidades de reuniões remotas influenciarão a psicologia e as interações nas relações sociais? Que novos conteúdos educacionais devem ser implementados em todos os níveis de ensino para que os alunos aprendam a se cuidar quanto a essa e outras formas de contaminação, protegendo contra outros tipos de doença?

Precisamos aprender as lições desta tragédia que atingiu toda a humanidade. Há que se melhorar os cuidados epidemiológicos para reforçar o sistema de saúde e tomar medidas preventivas eficazes. As origens nebulosas desta doença apontam que estamos todos susceptíveis a possíveis novas ocorrências. Para seres inteligentes esta experiência deverá ajudar a reconhecer pontos frágeis nas formas de organização social da vida pública e privada, promovendo melhorias com inovadoras agendas ambientais e comportamentais no trabalho, na educação, no transporte coletivo e na circulação de passageiros; é urgente estabelecer programas intensivos de comunicação social visando intensificar a educação ambiental e sanitária - especialmente no ensino fundamental (PAPERT, 2008, p.78) para modificar hábitos e introduzir novas rotinas, ecologicamente sustentáveis e salutares para a saúde pública, o prazer nos estudos e o lazer produtivo. Manuel Antônio de Castro faz uma atualização da crítica à concepção tecnicista de mundo instigando os educadores no sentido da busca do caminho do conhecimento pelo pensamento criativo. (DE CASTRO,

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

2017, p.51)

O isolamento que obrigou pessoas a permanecer longo tempo no espaço doméstico pode ter restaurado formas de educação familiar que eram o modo tradicional de transmissão de saberes da relação carregada de afetos entre pais e filhos no começo do século XX. As possibilidades dessa experiência na intimidade da convivência intensiva também devem ter se prestado para que os adultos pudessem reconhecer o inestimável valor do ensino regular nas escolas e a extrema relevância do trabalho dos professora(e)s com o(a)s estudantes.

É tempo de respirar novos ares e aprender a sobreviver para viver, para além da nostalgia das letras das canções: “O tempo não para!”, “nada será como antes...” ou tudo que era verdadeiro e essencial corre o risco de evanescer e tornar-se efêmero. Onde encontrar a fórmula mágica para resolver a questão inicial posta por Malraux na epígrafe?

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 3.ed. São Paulo: Scipione. 1999.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAUMAN, Z. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **O Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BOHR, N. **Física atômica e conhecimento humano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

BUNGE, M. **Epistemologia**. São Paulo: Queiroz, 1999.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 3.ed. São Paulo, Paz e Terra, 1995.

DE CASTRO, M. **Arte, o humano e o destino**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2017.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.	
Recebido em: 15 ago. 2021.	Aceito em: 20 out. 2022

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato J. Ribeiro. SP: Perspectiva, 2004.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEYERABEND, P. **Contra o Método**: teoria anárquica do conhecimento. RJ: Francisco Alves, 1975.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2004.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antrologia Estrutural.** trad. Chaim S. Katz. RJ: Tempo Brasileiro, 2003.

LÉVY, P. **L'Intelligence Collective**. Pour une antropologie cyberspace. Paris: La Découverte, 1994.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPOVETSKY, G. **O Império do efêmero**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, G. **Tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY. G. e SERROY, J. **A Cultura-Mundo**. São Paulo: Cia das Letras 2014.

MATURANA, H. e VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e política.** Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. RJ: Bertrand, 2000.

MORIN, E. (org.) **A religação dos saberes**. desafio do século XXI. RJ: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **Introdução a Pensamento Complexo**. (A Inteligência Cega) Lisboa: Inst. Piaget, 1990.

MORIN, E. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E. e KERN, A. B. **Terra-Pátria.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 1995.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.
Recebido em: 15 ago. 2021. | Aceito em: 20 out. 2022

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: escola na era da informática. P. Alegre: Artes Médicas, 2008.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano**. São Paulo: Estação Liberdade. 2000.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 3-28.	
Recebido em: 15 ago. 2021.	Aceito em: 20 out. 2022